

Uma clareira no bosque: contar histórias na escola¹

Cristiane Guimarães

O narrador olha para paisagem do conto, paisagem para onde olham também as crianças que o escutam. Ambos estão juntos na clareira imaginária, vendo se sucederem imagens de princesas, montanhas, cavaleiros e caravelas - imagens transparentes e fugazes como chamuscas (GIRARDELLO, 2014, p. 77).

O livro “Uma clareira no bosque”, escrito pela educadora e pesquisadora Gilka Girardello, foi lançado em 2014 pela editora Papirus, com 108 páginas. Mas como introduzir um livro cujo título já nos convida, nos enreda e já diz tanto?

Clareira no bosque é um convite. Sua capa, cheia de folhas em tons pastel resume nossa viagem: vamos caminhar entre folhas, gestos, letras e histórias, memórias e presentes, coletadas nas sinuosas trilhas de vida e pesquisa da autora. Saberes, autores e experiências lidas no cotidiano de uma educadora que não se cansa de partilhar e abrir clareiras nos bosques por onde passa.

O livro, organizado em pequenos capítulos em tom de ensaio, tem suas folhas narrando a importância das histórias na infinita formação humana. Enfatiza o lugar da escola como lugar de partilha, de saberes, de encontros, de experiência cultural através da construção narrativa e mais: inspira educadores a não se esquecerem do significado rico e singular da velha e sempre atual roda de histórias lidas ou contadas.

Em capítulos iniciais, a autora partilha seu caminhar entre letras e sentidos universais e como elas ganham vida nova ao serem recontadas e lidas. Conta também alguns passos de sua formação: autores, obras, citações, lembranças, escolhas de vida e de carreira e como a narração de histórias tem tomado sua devida importância nos olhares dos educadores e pesquisadores. Cita autores que a inspira, como Paul Ricœur, para quem a imaginação é uma espécie de “clareira

¹ GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque**: contar histórias na escola. Campinas, SP: Papirus, 2014.

luminosa” capaz de provocar encontros entre letras e vida, vida e livros, vida, narrativas, memórias, imaginação.

Adiante, compartilha causos e em tom cuidadoso relembra uma das principais orientações: para contar histórias é preciso ter tempo...tempo, para ensaiar, contar, recontar, aperfeiçoar e ensina “contar é a melhor forma de nos preparamos para contar” (GIRARDELLO, 2014, p. 36). Talvez o tempo, cantado pelos inspiradores da autora como tão importante para instaurar o instante da contação ou leitura de uma história, seja o tempo, o mesmo tão debatido atualmente entre educadores e pesquisadores... afinal, qual o tempo queremos em nossas escolas. Tempo para quê. Tempo para tanto...

Para brincar precisamos de tempo, para imaginar precisamos de tempo, para respirar, contar e escutar precisamos de tempo. Crianças precisam de tempo, adolescentes precisam de tempo. Gente precisa de tempo. O tempo, citado pela autora, é o tempo da partilha, do jogo, do convite à brincadeira que cita no capítulo 8. A brincadeira só dará certo de houver o encontro entre a voz e a escuta, o gesto e sua recepção e transformação. Pronto. As cenas, conforme roteiriza, são pintadas, damos forma, brilho, emoção, vida, detalhes. Tudo no devido tempo e “sacolejar da narrativa”.

Ao final, cujos capítulos nos trazem o importante conceito de comunidade narrativa, a autora relata momentos vividos, observados, lidos em seu cotidiano em diferentes momentos de sua história, misturados a tantos ensinamentos de pesquisa: salas de aula visitadas, revisitadas, observadas, escutadas, encantadas pela sua voz que ensina e por seu olhar que compreende e lê o mundo a sua volta. A comunidade narrativa de sala de aula é a confirmação da potência da escola como lugar de troca cultural, de construção, de constituição de sujeitos, de formação humana, de partilha de sentidos e saberes, afetos e vida. E é muito bom confirmar isso num tempo no qual discursos querem roubar o sentido de tudo que existe, num tempo que a crítica existe apenas pelo poder do dizer, seja lá o que for, especialmente se for sobre escola e educação. Sempre há guardiões da verdade em busca de soluções, respostas, críticas, culpados.

Ouvindo e recontando, relatando seus próprios eus e histórias, as crianças, educadores, sujeitos recontam suas histórias, ficionam suas memórias, reinventam suas próprias vidas, encontrando pontos em comum, lugares de partilha, sombras habitáveis, lagos, laços culturais que nos humanizam: memórias se misturam, vidas se conectam, luzes se acendem, fadas reluzem e pirilampeiam no espaço, cicatrizes se tornam bela tatuagem no tecido infinito da cultura, como

lindamente desenhado no capítulo 13 da publicação. As histórias nos tornam gente, além da truculência dos discursos e dos policiais da verdade: a vida, artesanalmente narrada em voz e sentidos, como ensina Walter Benjamin (2012). A subjetividade se reconstitui, floresce, cresce, frutifica, resplandece luminosa no contato com o outro, diante do fogo, o fogo belamente cantado no capítulo 15.

Mas por que tecer elogios ao livro que fala de histórias quando tantas respostas são buscadas e há tanto apelo ao “novo”, às tecnologias, mídias, linguagens, outros meios?

Porque diante de tantas possibilidades em sala de aula, tantas linguagens e meios, as rodas são, ainda, o lugar de multiplicação de vida, o lugar do fora que tanto mobiliza-nos de dentro, o lugar de dentro partilhado em potência com seus lados de fora, seus outros, seus colegas e ouvintes, portanto, tecnologia potente, que nos move e modifica, enlaçando crianças, jovens e anciãos.

A partilha das narrativas na escola tem sido cotidianamente transformada pelas mídias e tecnologias de informação e comunicação que acessam e transformam velozmente muitas histórias, em diferentes artefatos, recontam e reinventam, transformam as palavras e perfuram o verbo, que nunca mais será o mesmo. As partilhas ganham cores, sons, movimento, novos sentidos. Nossas rodas ganham mais ainda vida. Sempre mediadas pelos educadores ao multiplicarem sentidos e arte, como tão generosamente a autora nos fez nesse livro.

Ouvir a voz de orientação de Gilka Girardello e seu caminhar entre saberes e experiências de vida e pesquisa apenas nos instiga a pensar quais condições precisamos entre nós educadores e espaços e tempos escolares para as histórias continuarem inspirando, para que as clareiras continuem tecendo encontros, para que a arte do narrar e as artes das palavras continuem formando e transformando vidas na comunidade narrativa da sala de aula.

O livro não traz receitas, mas celebra a partilha de sentidos, pesquisas, textos escritos, fragmentos de uma inspiradora trajetória engajada de pesquisa em educação: Gilka Girardello nos ensina contar contando e ouvindo o que as histórias e a sala de aula nos tem a dizer.

Com a pesquisadora e seus textos e autores inspiradores caminhamos, atentos às tecnologias fundamentais, presentes em qualquer sala de aula e que há milênios comove, une, fortalece comunidades: voz, olhar, rosto, silêncio, gesto, corpo, mãos, guiados pelo dançante fogo, desejo pelo saber com sabor, como nos ensinou Roland Barthes (1996), em clareiras

GUIMARÃES, Cristiane. Uma clareira no bosque: contar histórias na escola.

luminosas e nem tão distantes, no bosque de nossas vidas, especialmente na clareira luminosa da sala de aula, onde se encontram e habitam tantos corpos e subjetividades em formação.

Referências

BARTHES. Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1. p. 213-240.

Cristiane Guimarães
Universidade Federal de Santa Catarina | Doutoranda no Programa
de Pós-Graduação em Educação
Florianópolis | SC | Brasil. Contato: turmasdacris@gmail.com
ORCID 0000-0002-8402-8216